

Proletários de todos os Países UNI-VOS!



O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

MAIS TRABALHO COLECTIVO**MAIS AUXÍLIO AOS QUADROS!**

De há tempos a esta parte vem-se accentuando dentro do nosso Partido uma tendência perigosa, que importa combatermos enérgicamente, para a fuga ao trabalho colectivo em certas organizações de base, caindo-se assim nos contactos individuais e no rotineirismo que fez escola há 20 anos, situação esta que tem trazido graves prejuízos à materialização da linha do Partido e tem feito emperrar o trabalho de organização, ao mesmo tempo que atrasa o desenvolvimento dos quadros e dificulta o seu bom aproveitamento, viciando desta forma os camaradas em processos condenáveis de trabalho e assoberbando-os com a realização individual das mais variadas tarefas.

A importância do trabalho colectivo para a elevação do nível ideológico e político dos quadros, para o seu melhor conhecimento e aproveitamento, é bem evidente e está amplamente comprovada pela experiência do Partido e dos partidos comunistas irmãos. «As resoluções tomadas colectivamente elevam no militante a noção das responsabilidades pela execução das tarefas e pela actividade da organização do Partido no seu conjunto». (IV.ª Reunião Ampliada).

Nas duras condições de ilegalidade em que o Partido vive, privado como está de uma escola de quadros e da possibilidade de editar na quantidade precisa materiais destinados a robustecer ideologicamente e politicamente a base do Partido, tem de ser um bom trabalho colectivo, o auxílio largo e persistente aos quadros, que tem de preencher na medida do possível essa falha. Os quadros com mais experiência de trabalho partidário, mais confiantes nos resultados da luta e com maiores perspectivas políticas têm de encontrar forma de transmitir aos outros camaradas a sua experiência, a sua confiança na luta e no futuro, SOB PENA DE DEIXARMOS ESTIOLAR TODO O TRABALHO, DE NÃO DARMOS A ESSES QUADROS A AJUDA QUE ELES NECESSITAM, pois é preciso «FORMAR COM SOLICITUDE OS QUADROS, AJUDAR CADA MILITANTE QUE PROGRIDE A ELEVAR-SE, NÃO TER MEDO DE «PERDER TEMPO» COM OS CAMARADAS PARA APRESSAR O SEU DESENVOLVIMENTO», como nos ensinou Stáline. Ora, nas condições de ilegalidade presentes, esta tarefa tem de ser levada a cabo através de um bom trabalho colectivo, de reuniões largas com os quadros e de ampla discussão de todos os problemas. Se o não fizermos, independentemente de assim irarmos o trabalho político e organizativo do Partido, não estamos a seguir uma justa política de quadros, não cuidamos dos quadros com o mesmo amor com que um jardineiro cuida das flores do seu jardim, na definição do camarada Stáline.

A ausência dum trabalho colectivo sério e o controle deficiente que dele deriva fazem, muitas vezes, que se não conheçam bem os quadros de certas organizações de base, que os nossos militantes não sejam aproveitados nem auxiliados como podiam e deviam ser. É esta situação grave que explica a razão porque muitas vezes o Partido não conhece os quadros de valor que possui nas suas células e os não

tenha aproveitado devidamente, e que, por outro lado, não tenha podido escorraçar há mais tempo das suas fileiras certos elementos suspeitos ou mesmo provocadores.

A ausência de trabalho colectivo nas organizações de base, em certas empresas, faz com que haja ainda no Partido camaradas com 4 e 5 anos de filiação QUE NUNCA PARTICIPARAM NUMA REUNIÃO COLECTIVA, QUE TÊM SIDO CONTROLADOS ATÉ HOJE INDIVIDUALMENTE E EM ENCONTROS RÁPIDOS NA MAIORIA DAS VEZES! Este é a forma, não de se auxiliarem os quadros e de se abrir perspectivas ao trabalho do Partido, mas sim de se anquilamarem os quadros a de fazer das organizações do Partido organismos parados, sem vida e sem perspectivas políticas!

Ainda recentemente, a Direcção do Partido soube que determinado C. L. controlava o secretariado de célula de uma importante empresa industrial, não em conjunto como é norma, MAS CADA UM DOS SEUS 3 CAMARADAS SEPARADAMENTE E EM ENCONTROS DE RUA! Que admira, assim, que este secretariado de célula não consiga alargar a influência do Partido dentro da sua empresa, nem consiga conduzir lutas de massas e que os seus quadros se estiolem e afundem num trabalho individual?

Para esta situação grave contribui em grande parte o estilo de trabalho de certos camaradas controleiros, que aparecem sempre com o tempo coniado e escasso junto dos camaradas ou organismos que controlar, e não lhes dedicam o tempo e a atenção que eles lhes deviam merecer, limitando-se muitas vezes a serem eles, controleiros, a exporem os problemas do Partido e não procurando ouvir atentamente os camaradas controlados, nem os ajudando paciente e persistentemente a resolverem os problemas partidários locais: não fazendo, numa palavra, controle de execução. Este estilo de trabalho, ligeiro, superficial, não é de molde a abrir perspectivas ao trabalho organizativo e político do Partido e é uma causa de estiolemento político para os quadros.

Uma boa política de quadros deve levar-nos a NÃO EXIGIRMOS DE CADA QUADRO MAIS DO QUE AQUILO QUE ELE DE MOMENTO PODE DAR AO PARTIDO e em não afogarmos os quadros com tarefas várias e muito acima das suas possibilidades imediatas. Passou-se recentemente um facto que bem mostra até onde pode conduzir a rigidez e o esquematismo no trato com os quadros. Certo camarada, membro de determinado C. L., ao ser abordado para comparecer à reunião com o controleiro do seu organismo, recusou-se terminantemente a comparecer, exclamando: «Não vou, porque já sei que ele me vai provar que eu posso fazer logo quanto ele quer que eu faça, e eu não tenho palavras para rebater as afirmações dele, e depois eu é que me amolo e sou criticado!» Situações de desespero como esta, mostram-nos que alguma coisa há que corrigir no nosso trato com os quadros, que as não devemos querer

por RAMIRO

dentro do Partido. Devemos estimular o trabalho das camaradas, mas actuarmos desta forma equivale a abelar a confiança dos camaradas em si próprios, nos seus controladores e no Partido e levá-los a fugirem ao trabalho, por pensarem que as tarefas que o Partido lhes dá estão muito acima das suas possibilidades e por se julgarem incapazes de algum dia poderem vir a realizá-las. Uma boa política de quadros, o auxílio eficiente aos quadros, consiste exactamente em sabermos ter em conta as possibilidades reais de cada camarada e EM NÃO EXIGIRMOS DE MOMENTO DELE MAIS DO QUE AQUILO QUE AS SUAS POSSIBILIDADES LHE PERMITEM DAR, DISTRIBUINDO-LHE TAREFAS COMPATÍVEIS COM ESSAS POSSIBILIDADES. O que importa é sabermos encontrar para cada camarada a tarefa apropriada, aquela em que ele poderá dar mais rendimento ao Partido.

Airar com as tarefas para cima dos ombros das camaradas sem termos o cuidado de os ajudar previamente a realizá-las, sem lhes apontarmos concretamente o caminho a seguir para conseguirem materializá-las, SEM OS CONVENCERMOS DA IMPORTÂNCIA DA SUA REALIZAÇÃO, não é ajudar os quadros, é má política de quadros. Airar com toda uma série de problemas de difícil realização para a frente dos militantes e exigir a sua realização simultânea, quando estes militantes ainda lutam com muitas dificuldades, não é de molde a abrir perspectivas a esses camaradas nem a criar-lhes entusiasmo e confiança na realização das tarefas do Partido. Procedendo-se como se procedeu no caso acima apontado, fomentamos a indisciplina dentro do Partido e abelamos a confi-

ança dos quadros no Partido e na justiça da sua acção.

Auxiliarmos os quadros equivale a sabermos colocar cada quadro na tarefa onde ele se sintá mais à vontade para realizá-la e onde dê maior rendimento ao Partido, por pequeno que seja esse rendimento. De cada um conforme as suas possibilidades. Stáline ensina-nos que bem escolher os quadros para a realização das tarefas significa «CONHECER OS QUADROS, ESTUDAR MINUCIOSAMENTE AS QUALIDADES E DEFEITOS DE CADA UM DOS MILITANTES, SABER EM QUE LUGAR TA! OU TAL MILITANTE PODE DESENVOLVER AO MÁXIMO AS SUAS POSSIBILIDADES».

Das constatações que aqui ficam decorrem duas tarefas urgentes para o Partido:

1.º—Teremos sempre como preocupação fundamental fazer trabalho colectivo, criar condições para a formação de organismos e desenvolver e estimular o trabalho colectivo dentro do Partido em todos os escalões, é a primeira e fundamental condição para fortalecermos e reforçarmos todo o trabalho organizativo e político do Partido.

2.º— Colocar os quadros nas tarefas que lhes são mais apropriadas e não exigir deles mais do que aquilo que eles de momento podem dar ao Partido, ajudar os quadros pacientemente a vencerem as suas debilidades e dificuldades e fazer controle de execução das tarefas que lhes foram distribuídas, é a segunda condição fundamental para alargarmos e reforçarmos o trabalho organizativo e político do Partido.

GES
PCP

A ELEVÇÃO DO NOSSO NÍVEL POLÍTICO E IDEOLÓGICO

por VIEGAS

O nosso Partido coloca-nos hoje como tarefa fundamental e imediata a elevação do nosso nível político e ideológico. Por que é tão necessária a elevação do nosso nível político e ideológico? Em primeiro lugar, porque a teoria marxista-leninista é o nosso guia para a acção, a nossa bússola. No facto de não nos sabermos servir da exacta bússola que é o marxismo-leninismo está uma das razões de alguns camaradas se deixarem frequentemente escorregar ora para a direita, ora para a esquerda. Esta foi, tal como aponta o Secretariado, uma das causas do mais sério desvio oportunista surgido no seio do nosso Partido: «a política de transições».

Há ainda muitos camaradas que pensam não ter necessidade de assimilar a teoria. Tais camaradas raciocinam do seguinte modo: Desde a reorganização do nosso Partido em 1941, sempre a Direcção do nosso Partido tem sabido orientar justamente o Partido e as massas, nas condições mais diversas; portanto, a Direcção do nosso Partido está bem entregue e consequentemente eu não preciso de me preocupar com tal assunto. A isto se chama tirar conclusões falsas de premissas certas. Estes camaradas esquecem que para que a linha política do nosso Partido seja rápida e firmemente levada à prática é necessário que os quadros a compreendam e a saibam aplicar no seu sector de trabalho. Mas isto depende em grande medida da própria formação política e ideológica dos quadros.

Por outro lado, é preciso não esquecermos que, em períodos de estreita ilegalidade como este em que vivemos, nem sempre a Direcção do nosso Partido está à mão para nos ajudar e para se pronunciar com suficiente prontidão. Senão estiverem preparados, os quadros não são capazes de orientar por si só as massas, põem-se a hesitar, ficam à espera. Como se sabe, as necessidades de orientarmos a luta surgem com frequência e neste sentido pode dizer-se que cada quadro do nosso Partido tem de ser um dirigente e por isso mesmo não pode deixar de saber manejar o marxismo-leninismo.

É ainda por baixo nível político e ideológico que alguns camaradas, não sabendo analisar com correcção o momento que passa e substituído as análises feitas a cada passo em materiais do Partido o sobretudo no «Avante!», se deixam influenciar pela intensa propaganda desenvolvida pela reacção, caindo aberta ou veladamente no derrotismo. Para tais camaradas tudo são dificuldades intransponíveis, tudo é difícil de realizar.

Estas razões são suficientes para demonstrar a justiça da orientação do Partido ao colocar a cada um dos seus militantes a premente tarefa da elevação do nosso

nível político e ideológico.

Há camaradas honestos, filhos da classe operária, dedicados ao nosso Partido, que, embora compreendendo o valor da teoria, pensam que o marxismo-leninismo não está ao seu alcance, que só camaradas muito inteligentes e «bem preparados» o podem compreender. Naturalmente que tal ideia é errada. Estes camaradas, acima de tudo, têm falta de confiança na sua própria capacidade, falta de confiança na classe operária e, em última análise, falta de confiança no papel educador do próprio Partido.

Sem dúvida que sendo o marxismo-leninismo uma ciência, os seus princípios não podem ser assimilados sem um real e perseverante esforço, sem um estudo sistemático. Mas isto não significa que os operários não possam assimilar esta como qualquer outra ciência. O camarada Stáline diz a este respeito que: «É um erro pensar que só um número limitado de pessoas pode dominar a teoria. A teoria marxista-leninista pode ser dominada por qualquer... Para dominar a teoria do marxismo-leninismo só há que desejar fazê-lo e que desenvolver: persistência e firmeza de vontade na consecução deste objectivo.»

Há, contudo, camaradas que desejam sinceramente aprender as bases do marxismo-leninismo, mas que, asoberbados por longas horas de trabalho profissional diário e pelas urgentes necessidades do trabalho prático do Partido, pensam: Não serei eu mais útil ao Partido utilizando todos os momentos de que posso dispor no trabalho prático? E ainda o camarada Stáline quem responde que, mesmo em tais circunstâncias, é necessário aliar à acção prática o estudo sistemático: «É difícil, não pode negar-se. Mas é absolutamente possível, quando compreendemos que é essencial e quando compreendemos que sem esta condição é impossível criar um corpo de verdadeiros leninistas... Não devemos ser como as abelhas que fogem das dificuldades e procuram uma tarefa fácil. As dificuldades existem para serem deirontadas e vencidas».

Que fazer para assimilar os princípios do marxismo-leninismo?

Há camaradas que preconizam o método de todas as noites, antes de deitar, estudar um bocadinho. Mas, se só se pensa em estudar quando já se está demasiado cansado para fazer outra coisa, então sucede que depressa se quebra a vontade de estudar. Não devemos seguir este processo. Devemos, sim, fazer uma divisão conscienciosa do tempo, reservando uma ou duas horas, pelo menos, ao estudo. Ainda recentemente, um camarada da Direcção do nosso

Partido dizia muito justamente que tinha chegado o momento de todos os camaradas, da mesma forma que marcaram os encontros com os outros camaradas para a hora x, marcarem os encontros com os livros.

Mas, evidentemente, não basta estabelecer um plano de utilização do tempo. É ainda necessário, entre outras coisas, usar uma boa técnica de estudo.

Há camaradas que defendem que o melhor método de estudar a teoria do marxismo-leninismo é a leitura colectiva. Tal ideia não é justa. Basta citar o que em 1939 o Comité Central do P. C. da União Soviética estabeleceu sobre o assunto: «A errada e falsa crença de que o marxismo-leninismo só pode aprender-se em círculos de estudo deve ser destruída, pois que, na realidade, o primeiro e principal método de estudo do marxismo-leninismo é a leitura independente». Existe também a ideia de que, sem escolas do Partido, o estudo do marxismo-leninismo é quase impraticável. Naturalmente que se o nosso Partido estivesse na legalidade, as escolas do Partido impunham-se e contribuiriam poderosamente para a elevação do nível político e ideológico de todo o Partido. Mas pensar que só nas escolas do Partido se pode estudar, é desprezar os poderosos meios que mesmo na clandestinidade nos restam, é desconhecer em absoluto o método de estudo usado nas escolas dos P. C. legais, onde não se pratica a leitura colectiva, mas apenas UMA DISCUSSÃO COLECTIVA E ORIENTADA.

Devendo, portanto, a primeira fase do estudo do marxismo-leninismo ser feita individualmente, a técnica a usar por cada camarada pode variar muito. Entretanto, parece-nos que existe um processo que facilita a assimilação. Ao pegar num livro, o que devemos fazer primeiro é folheá-lo, ler o índice, os títulos dos capítulos, passagens, etc. de modo a ficarmos com uma ideia, embora muito vaga, do assunto da que o livro trata. Se o livro é fundamental, devemos fazer depois, pelo menos, duas leituras. Na primeira leremos rapidamente, tomando breves notas e assinalando as

passagens fundamentais. No fim desta leitura convém conversar com outros camaradas sobre o livro e consultar outros livros sobre assuntos que não compreendemos bem. Feito isto, temos já ideias seguras do que trata o livro e das suas teses fundamentais. Devemos proceder então à segunda leitura, que deve ser o mais atenta possível, não passando adiante sem se perceber cada palavra, cada frase. Durante esta leitura, é necessário tomar notas, sublinhar o mais importante, etc.. Esta segunda leitura mostrará ao camarada que afinal o estudo não é muito difícil, pois o que antes lhe parecia nebuloso é agora claro. Acabada a leitura, devemos discutir a obra e cada um dos seus capítulos com os outros camaradas, discutir a aplicação prática do que aprendemos.

Quanto às obras a estudar, há dois estudos que temos de fazer: um é o estudo directo das obras de Marx, Engels, Lênine e Stáline; este é o caminho mais curto e seguro para a assimilação da teoria marxista-leninista. Entre estas obras damos especial relevo à «História do P. C. (b) da URSS». A outra categoria de estudo que devemos fazer é o estudo dos materiais publicados pelo nosso Partido.

Há ainda outro tipo de estudo que não só nos ajudará a compreender melhor o marxismo-leninismo como a aplicá-lo imediatamente e que elevará o nosso nível político e o de todo o Partido. Trata-se do estudo das condições de luta e da mobilização das massas em cada fábrica, em cada localidade, em cada indústria, em cada região.

O esforço que todo o nosso Partido fizer para a elevação do nível ideológico e político de todos os camaradas será um gigantesco passo para cumprir com honra a tarefa que nos aponta o Comité Central do nosso Partido. Só a elevação do nosso nível político e ideológico permitirá que todo o Partido caminhe com firmeza para a frente e realize as grandiosas tarefas que lhe cabem na luta pela Paz, pela Democracia, pela Independência Nacional e pelo Socialismo.

O RECRUTAMENTO DE NOVOS MEMBROS PARA O PARTIDO

por GOMES

GES
PCP

O Partido é uma organização nacional que deve estender-se a todos os pontos do país, particularmente aos centros operários e camponeses. Também entre as classes médias e nos meios intelectuais progressistas o Partido deve fortalecer as suas organizações, chamando às fileiras os mais activos e prestigiados lutadores dessas camadas.

Apesar da feroz repressão fascista, grande número de organizações do Partido tem sabido fortalecer a sua actividade, aumentando os seus efectivos e alargando a sua influência de massas. Mas o muito que se tem feito neste terreno é insuficiente. Para a realização das múltiplas e complexas tarefas que se colocam ao Partido, precisamos de aumentar os seus efectivos.

Na IV.^a Reunião Ampliada do Comité Central do nosso Partido, o camarada Ramiro, no Informe sobre organização, diz-nos que: «O Partido precisa de atrair às suas fileiras todos os elementos que se têm destacado nas lutas reivindicativas e na defesa da Paz e da Democracia. Serão eles a melhor garantia para a ligação do Partido com as massas.» E nas Resoluções saídas desta Reunião estabeleceu-se como tarefa inadiável levar a efeito uma campanha de recrutamento de novos militantes para o Partido denominada «Promoção Alvaro Cunhal». Ao colocar esta tarefa, o Comité Central do Partido apontou os exemplos da vida e da luta do camarada Alvaro Cunhal, para que nesses grandes exemplos se inspirassem todos os novos militantes do nosso Partido.

Embora desde então se tenham efectuado algumas promoções Alvaro Cunhal, o seu número está longe de corresponder às necessidades do Partido. Succederá isto, porque o Partido não tem influência de massas? Não, O Partido tem uma poderosa influência de massas de Norte a Sul do País. Mas a sua organização e o recrutamento de novos membros não estão de acordo com esta influência. Há muita gente que deseja vir ao Partido, mas que o não pode fazer, porque as organizações não encaram o problema do recrutamento.

A que se deve isto? Deve-se, em primeiro lugar, à subestimação da resolução da IV.^a Reunião Ampliada sobre recrutamento. Há organizações que não

compreendem a importância desta resolução, não a discutem nem se esforçam por a levar à prática. Por outro lado, a Direcção do Partido não tem sabido fomentar convenientemente a discussão acerca da «Promoção Alvaro Cunhal» nem exercer todo o controle necessário desta tarefa. Impõe-se liquidar esta situação, discutindo em todos os organismos do Partido o problema do recrutamento de forma a obter neste domínio os resultados encarados e possíveis de alcançar.

Isto deve-se, em segundo lugar, ao facto de que à frente de algumas organizações, estão camaradas sem confiança nos homens e por isso impedem a entrada de novos membros para o Partido. Há pouco, numa empresa fabril, formou-se uma Comissão de operários sem partido que recolheu assinaturas para uma exposição reivindicativa. A organização do Partido manteve-se afastada desse movimento e, quando o camarada controlador criticou o camarada responsável da célula de empresa e lhe colocou a tarefa de abordar o operário mais destacado da comissão, o camarada negou-se, a pretexto de que esse operário não lhe merecia confiança nem se interessa pelo Partido. Entretanto, há operários dessa empresa que procuram lá fora o «Avante!» porque não encontram na empresa quem lho entregue!

Por outro lado, há militantes que continuam agarrados a velhas formas e conceitos de organização e de orientação. Eles são sérios, fiéis e dedicados ao Partido, mas não mostram condições de se adaptarem à situação actual, pelo que se estão tornando neste momento verdadeiros travões que impedem o desenvolvimento do Partido. Estes camaradas, devem ser esclarecidos e ajudados a compreender e rectificar o seu erro. Devemos atribuir-lhes tarefas de acordo com as suas possibilidades e que facilitem o seu desenvolvimento como quadros do Partido.

É necessário colocar na ordem do dia das reuniões de todos os organismos do Partido o problema do recrutamento. A resolução da IV.^a Reunião Ampliada sobre a «Promoção Alvaro Cunhal» deve servir de base de discussão no problema do recrutamento de novos camaradas para o Partido.

Os movimentos de massas são a melhor forma de descobrir e forjar novos lutadores de vanguarda. É na medida em que as lutas se intensifiquem e ganhem amplitude que aumentarão as possibilidades de recrutamento. Depois de cada luta, o nosso Partido deve recrutar novos militantes. A organização local do Partido deve fazer o balanço dos que se destacaram na luta e, se se tratar de trabalhadores dignos de entrarem nas nossas fileiras, a organização deve procurar as formas práticas de os chamar ao Partido. Nem sempre isto tem sido feito e por isso há muita gente que devia e que deseja estar no Partido e não está.

Como o Partido tantas vezes tem indicado, o recrutamento deve ser feito fundamentalmente nas empresas, fábricas, oficinas, entre os trabalhadores agrícolas e noutros lugares onde se encontram as principais vítimas da exploração capitalista. Pela sua condição de explorados e pelas suas condições sociais, é entre estes trabalhadores que se encontram os verdadeiros membros dum Partido de vanguarda. Mas não devemos afrouxar o recrutamento também nas outras camadas da população nem esquecer o que têm dado e continuam a dar ao Partido muitos dignos representantes destas camadas.

É da maior importância que as organizações do Partido intensifiquem o recrutamento entre as mulheres, vencendo o nosso atraso neste terreno.

No recrutamento de novos membros do Partido nunca devemos esquecer que a qualidade se deve sobrepor à quantidade. É preciso recrutarmos para o Partido trabalhadores combativos, de reconhecida honestidade e que gozem da simpatia das massas.

Não são os bem falantes, mas os trabalhadores dispostos à luta e dedicados à sua classe e ao Partido que interessa recrutar para o Partido. Ao Partido de pouco ou nada servirão, por exemplo, os militantes vacilantes, inactivos, sem espírito de classe, ao passo que 3 ou 4 camaradas seguros, activos e dedicados à sua classe, estarão em condições de realizar um bom trabalho. Para não errarmos neste aspecto tão importante do recrutamento, é preciso, como diz o camarada Duarte no Informe de Organização do II Congresso Ilegal do Partido, conhecer os quadros, saber quem são e donde vieram, conhecer a sua vida pessoal, a sua conduta familiar, a sua conduta para com os seus companheiros de trabalho. Isso será uma forma de impedir que entrem nas fileiras do Partido elementos desonestos e provocadores.

Os novos camaradas que vêm ao Partido devem passar imediatamente a fazer parte dum organismo colectivo e a participar nas tarefas partidárias, porque esta é a única forma de se forjarem militantes de vanguarda. Mas os novos organismos e os novos militantes não devem ser sobrecarregados com tarefas superiores às suas forças. As tarefas de cada militante devem estar de acordo com as suas possibilidades.

Se as organizações do Partido realizarem um trabalho justo no recrutamento de novos camaradas, leal e a bom termo a promoção Alvaro Cunhal lançada pelo Partido, novos militantes virão às fileiras do Partido, fortalecendo as organizações existentes e permitindo alargar a novos sectores o trabalho do Partido.

GES
PCP

RESGUE A RESISTÊNCIA DAS MASSAS CONTRA A REPRESSÃO

por ALBERTO

Uma importante tarefa que o nosso Partido tem tido por diante, desde a sua criação, consiste em fazer com que todos os seus membros sejam dotados de vontade e firmeza inquebrantáveis, sejam capazes de aplicar a linha do Partido perante a polícia e demais inimigos do povo. Esta tarefa, porém, tem sido custosa de realizar em virtude de o Partido ter vivido 27 dos 32 anos da sua existência em pleno reinado fascista, sob o terrível cortejo de ódios, perseguições, prisões, torturas e assassinatos.

Devido à clandestinidade em que o Partido tem vivido, os resultados obtidos sob a sua orientação frente à polícia nem sempre foram devidamente analisados dentro das nossas fileiras e divulgados como era necessário entre a classe operária e o nosso povo. Importa, pois, que o nosso Partido liquide esta deficiência, tornando conhecidos os exemplos mais expressivos da aplicação da sua justa linha política frente à polícia e outros esbirros fascistas.

São factos altamente expressivos da orientação e dos esforços realizados pelo Partido, a vida revolucionária, os exemplos que nos deixaram os nossos saudosos camaradas Bento Gonçalves (Secretário geral do Partido), Militão Bessa Ribeiro (Secretário do Partido), Alfredo Dias, Alfredo Caldeira (membros do C. C. do Partido), José Moreira, Francisco Ferreira Marquês, Germano Vidigal, Patuleia, etc., etc., todos eles bárbaramente assassinados pela polícia de Salazar. São factos expressivos da orientação e dos esforços do Partido os exemplos que nos deram, frente à polícia e ao tribunal, os nossos camaradas Alvaro Cunhal (Secretário do Partido), Manuel Rodrigues da Silva, Francisco Miguel, António Dias Lourenço e Joaquim Campino (membros do Comité Central do nosso Partido), Jaime Serra, José Maria do Rosário, José Magro, Guilherme da Costa Carvalho, Alcino de Sousa, José Vitoriano e Rogério de Carvalho. São dignos de serem de novo destacados os exemplos e os nomes de Manuel Guedes, Georgete Ferreira, Carlos Costa, Sofia Ferreira, Colélia Fernandes, Cipriano Falcão e Maria Angela.

De acordo com esta orientação, não podem ser esquecidos aqueles camaradas, homens e mulheres, que se mantêm no quadro de funcionários, os quais, devido ao seu passado, devido a terem-se entregado inteiramente à luta, devido às provas já dadas na realização das tarefas que lhes têm sido confiadas, conseguiram dar ao Partido a garantia de que ao serem presos saberão comportar-se como verdadeiros

comunistas.

Um grande êxito do nosso Partido é o de ter conseguido que a sua orientação tenha sido aceite e praticada por centenas e centenas de simples militantes comunistas, uns já mortos, outros encerrados nos cárceres salazaristas e outros espalhados, de norte a sul do país, na actividade quotidiana em defesa dos interesses da classe operária, em defesa do povo e da causa da Paz; reside no facto de ela ter sido aceite e aplicada por centenas e centenas de operários, de camponeses, de homens, mulheres e jovens, abnegados patriotas e aderentes do MND, do MUDJ e do MNP.

Em resumo, também neste aspecto a orientação do Partido reveste já um carácter de massas. E isto foi possível devido ao papel educador do nosso Partido, guiado pelo seu Comité Central.

Entretanto, nem todos os elementos do Partido caídos nas garras do inimigo têm seguido esta justa orientação.

Causas do mau portê na polícia

Nas fileiras do Partido estiveram elementos que, ao caírem nas malhas da polícia, entraram pelo caminho de denúncia de organizações, de camaradas e de outras actividades do Partido e do movimento anti-fascista. Por isso foram expulsos do Partido e muitos deles encarcerados do seio da família democrática.

Mas hoje, para que se possam adoptar todas as medidas capazes de evitar a repetição destes casos, o que mais importa é saber encontrar e pôr bem a nã as causas principais do mau comportamento na polícia.

Na raiz do mau comportamento na polícia está, em primeiro lugar, o medo, a cobardia, a falta de espírito de sacrifício, de amor e dedicação ao Partido, à classe operária e ao nosso povo. Em segundo lugar, está a falta de confiança na vitória certa das forças da classe operária, das forças do progresso, sobre as negras forças da reacção e da guerra. Em terceiro lugar, está o deficiente recrutamento dos quadros para o Partido, não se aplicando, algumas vezes, com o devido cuidado e rigor, o princípio estabelecido de que a qualidade se deve sempre sobrepor à quantidade. Em quarto lugar, está a insuficiente discussão acerca da posição que cada membro do Partido deve tomar uma vez caído na prisão. Em quinto lugar, a razão do mau comportamento de al-

guns emblemas frêntes à polícia filia-se na sua desligação e falta de confiança nas massas. Por fim, deve-se salientar que, ligado a tudo quanto acabamos de dizer, está o baixo nível político e ideológico, a fraca consciencialização de classe, assim como uma deficiente educação do Partido.

Considerar bem todos estes aspectos, eis uma tarefa imediata das organizações e militantes do Partido.

Erros de alguns camaradas

Alguns camaradas, ao serem presos, sofreram as mais brutais violências e torturas. Por este processo, a polícia pretendia forçá-los a fazer declarações. Mas os esbirros salazaristas fracassaram, porque os nossos camaradas provaram estar na disposição de antes morrer do que entrar no caminho da desonra. Ante isto, a polícia mudou de tática, passando a usar de «amabilidades», com o que conseguiu fazê-los cair em posições nada justas.

Assim, registaram-se discussões, e contar de anedotas, aceitaram-se cigarros e cafés à polícia e até um camarada chegou a dar à polícia explicações que não tinha dado até então, apesar das torturas a que foi submetido.

Estes camaradas cometeram um erro grave. Eles não compreenderam que a polícia, ao tratando os presos com amabilidade ou torturando-os, têm sempre o objectivo de obter confissões. E quando isto se lhe torna impossível procura aniquilar politicamente os camaradas, levando-os a tomar posições falsas que os comprometam perante o Partido, as outras forças democráticas e o Povo. De tudo isto se conclui que os camaradas devem estar sempre em guarda, não se deixando enganar pelos ardis e manhas policiais. Um «favor» ou «amabilidades» da polícia têm sempre objectivos reservados e devem ser tomados como uma humilhação e uma emboscada. Da polícia nada há que aceitar, com a polícia nada há que conversar. Na polícia não há que fazer declarações, não há que assinar documentos, não há que fazer estatua. Entre os comunistas e a polícia, entre os verdadeiros democratas e a gestapo salazarista há um abismo que é preciso aprofundar e alargar cada vez mais.

A história do movimento operário internacional e a do nosso Partido estão cheias de exemplos que nos apontam o caminho ante as habilidades e os ardis do inimigo. O camarada Alvaro Cunhal ainda há pouco nos deu mais um exemplo, quando, ante um convite do sub-director da Penitenciária de Lisboa para irem falar a sós para o seu gabinete, respondeu: «Não, não irei ao seu gabinete para falarmos; se quiser, falaremos aqui». Isto significava que o nosso camarada queria falar à frente dos outros presos e dos empregados da prisão, para desmascarar os fascistas e os crimes por eles cometidos.

Nós devemos tomar ante a polícia, ante todos os carcereiros fascistas, atitudes firmes e elevadas que lhes demonstrem a nossa disposição de não nos deixarmos confundir com os piores inimigos da classe operária e do povo.

Sobré a posição a tomar ao ser-se preso, perguntam alguns camaradas se será acertado não dizer o nome à polícia. Dum modo geral, uma vez presos, não há utilidade em escondermos a nossa identidade. Todas as nossas energias e capacidade devem ser guardadas para o que é fundamental. Porém, o Partido não vê razão para reprovar a posição dos camaradas Carlos Costa, Colévia Fernandes e Maria Ângela ao recusarem dar a sua identidade à polícia.

No tribunal

Quanto à posição a tomar no tribunal, o nosso Partido marcou a orientação que podemos ver na página 11 do folheto «Se fores preso, camarada...», publicado no ano de 1947: «Se fores ao tribunal, se não se provar que pertences ao Partido, mantêm essa posição sem te sujeitares, entretanto, a vexames e a insultos, seja do tribunal, seja até do próprio advogado de defesa. Se provarem seres membro do Partido, a tua preocupação deve ser defenderes o teu Partido, mostrares as razões por que lutas, indicar os objectivos de luta do Partido, mostrar ao tribunal que os comunistas não são os «desordeiros» e inimigos da família e da pátria como eles dizem, mas os defensores das classes trabalhadoras, do povo e do país.»

Tendo em conta as experiências recolhidas a partir de 1947, e os brilhantes exemplos dados pelos nossos camaradas, é preciso concretizar alguns aspectos que não-de proporcionar uma base mais ampla de defesa aos comunistas e a outros lutadores nos tribunais salazaristas.

Em primeiro lugar, devemos procurar denunciar a falsidade das acusações que são feitas nas notas de culpa, nas informações fornecidas pela polícia ao tribunal ou quaisquer outras que porventura sejam feitas no decorrer do julgamento. Em segundo lugar, denunciar os crimes praticados pela polícia, contra os presos e contra o nosso povo, ilustrando as nossas intervenções com as torturas que sofremos e vimos sofrer aos outros. Em terceiro lugar, ao defender-se o nosso Partido, a sua linha política, o direito que tem de existência legal, de mostrar como é ele e não são os fascistas quem defende os interesses do povo e da nação, que é ele e não os fascistas quem defende a Paz, a Independência e a Soberania de Portugal. Denunciar a política do fascismo que explora e oprime o povo, que entrega as riquezas nacionais aos imperialistas estrangeiros, que arrastam Portugal para a guerra e querem transformar a nossa juventude em carne de canhão.

A melhor maneira de fazer a nossa defesa não é individualizá-la, mas defendermos o nosso Partido, as organizações democráticas e a justiça da luta do nosso povo. Esta orientação foi praticada por numerosos comunistas e outros democratas nos seus julgamentos, à frente dos quais devemos colocar os nomes de Bento Gonçalves na sua contestação ao tribunal, do camarada Alvaro Cunhal com as suas intervenções no tribunal e do camarada Júlio Fogaça na sua contestação ao tribunal, no ano de 1936.

Para se conseguir levar a bom termo esta orientação, torna-se absolutamente necessário prepararmos-nos antes do julgamento. Além disto, é preciso, durante o julgamento, reunirmos todas as nossas energias, a fim de mantermos a serenidade, não nos deixando arrastar pelas provocações do inimigo. Há que aproveitar o tribunal como uma tribuna de onde defendermos uma causa justa, e atacar e desmascarar o inimigo fascista.

A orientação estabelecida pelo nosso Partido, em relação à posição a tomar no tribunal, não significa que se exija mais do que aquilo que se pode dar. Cada membro do Partido, sejam quais forem as suas capacidades e responsabilidades, pode — dentro da orientação geral estabelecida — e na base dos magníficos exemplos recolhidos nos últimos tempos, fazer no tribunal a sua intervenção. É preciso que não se repitam casos como o do camarada Santos, que, ao ser julgado e condenado pelo fascismo, não falou, não aplicou, como se impunha, a orientação do Partido.

MELHOREMOS O TRABALHO DO PARTIDO NAS FORÇAS ARMADAS

por CARLOS

Já por várias vezes «O Militante» tem apontado o caminho a seguir para melhorar o trabalho do Partido nas Forças Armadas. Apesar disso, porém, continua subsistindo em todo o Partido uma incompreensão sobre a importância desse trabalho, o que não permite o seu alargamento e reforçamento. Raramente tal problema é discutido nos organismos do Partido, não se abrindo nós ordens de trabalho qualquer ponto com este objectivo.

Se a causa fundamental das deficiências existentes no sector das Forças Armadas é a subes-

timização que existe sobre a importância desse trabalho, é necessário, antes de tudo, discutir-se e esclarecer-se este ponto.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PARTIDÁRIO NAS FORÇAS ARMADAS

As Forças Armadas são para o fascismo um apoio fundamental. Como todo o regime de opressão e exploração, o salazarismo instrui e utiliza

as Forças Armadas para a sua salvaguarda na luta contra a movimentação do nosso povo.

Com uma disciplina cega e embrutecedora, com a preocupação de separar as Forças Armadas das camadas populares (que vai até a proibição de contactos em certos locais), com constantes palestras de orientação fascista, com a cuidadosa escolha de todos os graduados, o salazarismo pretende impedir que as Forças Armadas recebam qualquer influência progressista e cria no seu seio um ambiente de medo e desconfiança e procura proceder à sua fascização.

Em particular à GNR e à PSP, o fascismo confere um grande papel na repressão e cada vez mais procura que essas corporações não sejam mais que uma continuação da polícia política — a PIDE.

É evidente, portanto, que dado o destacado papel que as Forças Armadas representam na defesa do regime salazarista, a influência que podemos exercer sobre elas será de grande importância para a luta do nosso Povo. Muitos exemplos existem de como a resistência dos elementos das Forças Armadas a servirem de dóceis instrumentos de repressão auxiliou grandemente o prosseguimento das lutas populares.

Entretanto, com a política de preparação guerrilheira seguida pelo fascismo, as Forças Armadas são também chamadas a maior actividade e aumentam no seu número. Nesta altura em que, portanto, as Forças Armadas são chamadas a desempenhar um papel de maior realce e que se alargam, e em que ante o crescente movimento popular o fascismo recorre cada vez mais a elas como instrumento de repressão, mais importância ganha o trabalho de esclarecimento e mobilização das Forças Armadas.

A substituição deste trabalho por parte do Partido socialista vem facilitar ao fascismo a sua acção repressiva e a sua preparação para a guerra.

AS POSSIBILIDADES DO TRABALHO PARTIDÁRIO NAS FORÇAS ARMADAS

O conhecimento das condições concretas da vida da grande maioria dos elementos das Forças Armadas mostra-nos as possibilidades largas que existem para exercermos influência nelas.

Em primeiro lugar, todos os anos cerca de 35.000 jovens com 20 e 21 anos ingressam nas Forças Armadas. São operários e camponeses, empregados e estudantes. Nos quartéis para onde são enviados, e onde vão passar a viver em comum e com problemas comuns com milhares de outros jovens que permanecem nas fileiras. Além de sentirem a política de fascização e de disciplina de «caserna» que os pretende automatizar, os soldados recebem um pré miserável, uma alimentação péssima e um tratamento desumano.

Quanto às Forças Armadas profissionais, isto é, grande parte da Marinha e parte do Exército, a G.F., G.N.R., e P.S.P., os baixos vencimentos que recebem (mesmo os próprios sargentos, como ainda há pouco foi referido na «Assembleia Nacional») não permitem, à maioria, senão uma vida de privações semelhante à da grande massa de portugueses.

Além disso, os horários de serviço muito longos, a péssima alimentação para os que comem nos quartéis, as dificuldades tremendas na subida de postos, as arbitrariedades constantemente cometidas pelos superiores fascistas, são outros tantos motivos de descontentamento e revolta.

Por outro lado, a política fascista de guerra e de subordinação aos americanos mostra, antes de tudo, às próprias Forças Armadas o perigo de serem utilizadas como carne de canhão, e levanta em todos os seus elementos honestos o espírito patriótico contra a perda da Independência Nacional.

Por todas estas razões são já muitas as lutas dos soldados especialmente contra a má alimentação; soldados e marinheiros têm assinado e recolhido assinaturas em defesa da Paz; guardas da P.S.P. têm resistido a reprimir as actividades dos partidários da Paz; o descontentamento lavra em muitos sectores das Forças Armadas.

Tudo isto nos indica que a situação económica e a situação política do nosso país não afasta, antes aproxima, a grande maioria dos elementos das Forças Armadas da luta geral do nosso povo. Estas possibilidades que existem abrem perspectivas ao trabalho do Partido entre as Forças Armadas.

MELHORES O TRABALHO PARTIDÁRIO ENTRE AS FORÇAS ARMADAS

Compreendida a grande importância do trabalho

do Partido nas Forças Armadas e conscientes das possibilidades que se abrem nesse campo interessa ver como poderemos melhorar esse aspecto do trabalho do Partido. Eis algumas medidas a serem discutidas e levadas à prática:

a) - Em todas as localidades ou bairros onde estejam instaladas Forças Armadas devem as organizações do Partido estudar a sua situação e partir daí para uma aproximação com elas.

O simples estabelecimento de boas relações pessoais com os elementos das Forças Armadas, o atraí-los às conversas e ao convívio com os trabalhadores, o facilitar-lhes a entrada em colectividades e grupos desportivos, o interesse e ajuda às suas aspirações de carácter desportivo, cultural, etc., e tantas outras iniciativas terão muita importância para a aproximação com as Forças Armadas e para a sua neutralização como instrumento da repressão fascista.

Mesmo em relação aos elementos da P.S.P. e G.N.R. (sem esquecer o papel que o fascismo lhes está dando e principalmente a acção de alguns dos seus elementos que conscientemente são lacaios servís do fascismo) devem as organizações do Partido tomar medidas para a sua neutralização. Todas as formas apresentadas para quebrar a separação entre os trabalhadores e as Forças Armadas serão de grande ajuda para os elementos honestos que existem nessas corporações, que assim poderão sentir-se menos isolados, menos influenciados pelo fascismo e, portanto, com mais possibilidades de resistir às ordens de repressão que receberem.

b) - A aproximação com as Forças Armadas, por si só de muito interesse para a sua neutralização, possibilita-nos igualmente o esclarecimento dos seus homens sérios. Dando-lhes a conhecer as aspirações e as lutas das massas trabalhadoras e os aspectos nacionais e mundiais da luta democrática e da defesa da Paz e esclarecendo-os sobre a identidade dos seus próprios anseios e interesses com os das massas trabalhadoras e ao mesmo tempo sobre o papel que as Forças Armadas têm na repressão, temos possibilidade de fazer dos homens honestos das Forças Armadas anti-fascistas que passem por sua vez a actuar entre os seus camaradas como elementos esclarecedores e orientadores.

c) - Com os elementos honestos e anti-fascistas que sejam atraídos ao Partido, bem como com os camaradas que ingressem nas Forças Armadas, deve procurar-se, tendo em conta em geral a hierarquia militar, constituir células do Partido e com elas levar um trabalho regular de ajuda e esclarecimento. Entretanto, deve ter-se em conta que este trabalho partidário tem um carácter particularmente conspirativo, pelo que devem ser tomadas todas as precauções e reforçadas os cuidados, o sigilo e tudo que defenda convenientemente os quadros e organizações existentes.

d) - Dentro das Forças Armadas, os comunistas, além dum esclarecimento constante mas cuidadoso, devem estudar as reivindicações mais sentidas pela massa dos seus companheiros e, bem unidos com eles, procurar que todos lutem por essas reivindicações, começando naturalmente pelas que sejam mais simples. Para isso é necessário que os camaradas se destaquem como homens honestos e bons camaradas, defensores dos interesses de todos. Os nossos camaradas soldados devem saber ganhar a simpatia dos seus companheiros, tratando-os correctamente, não se isolando deles, escrevendo-lhes as cartas, ajudando-os a vencer as suas dificuldades, participando com eles nas competições desportivas, etc.. Um soldado comunista deve sempre ser estimado pelos outros companheiros.

Com os elementos comprovadamente sérios que se disponham a actuar organizadamente, podem e devem os nossos camaradas, se eles não se dispuserem por qualquer razão a ingressar no Partido, constituir comités anti-fascistas, trabalhando com os mais rigorosos cuidados conspirativos. Serão as lutas concretas pelos seus interesses, pelas lições que delas se tiram, que melhor poderão consciencializar os soldados.

e) - Em todas as Forças Armadas, e em particular no Exército e na Marinha, devem os nossos camaradas, bem como os demais democratas e partidários da Paz, fazer um trabalho constante de esclarecimento sobre a política de guerra e de subserviência ao imperialismo americano, do governo fascista.

As palestras em que se exalta a guerra e todos os preparativos bélicos devem encontrar da parte dos soldados e marinheiros um crescente protesto e re-

pulsa, pois é a Paz e não a guerra que eles ardentemente desejam. O desmascaramento do domínio americano deve ser também objecto de conversa constante e de mobilização de todos os patriotas.

Como em todo o lado, a luta pela Paz e a Independência Nacional deve ser dentro das Forças Armadas a preocupação fundamental de todos os patriotas.

f) - Sempre que um camarada ingresse nas Forças Armadas ou seja destacado para outro local é dever da organização que o controla assegurar rapidamente formas de ligação para o novo local. Além disto, todos os camaradas devem dar as indicações sobre elementos das Forças Armadas honestos e susceptíveis de serem atraídos a um trabalho progressista. O fornecimento de legações será um factor muito po-

deroso para o alargamento da organização do Partido nas Forças Armadas.

g) - O Partido pensa que as diversas organizações democráticas e de defesa da Paz não devem desligar-se dos seus aderentes que vão para a tropa. Nesse novo meio devem continuar a ser sérios defensores dos interesses dos outros jovens soldados, continuando ligados às suas organizações e delas recebendo a ajuda.

Se discutirmos em todo o Partido a importância e as possibilidades do trabalho partidário nas Forças Armadas e em seguida forem levadas à prática as resoluções de acordo com as medidas enunciadas atrás, daremos um forte impulso a este trabalho de tanta importância.

SABAMOS MOBILIZAR AS MULHERES PARA A LUTA

por PAIVA

Se pensarmos que metade da população portuguesa é constituída por mulheres, concluiremos que é indispensável a sua participação na luta pela Paz, pela Democracia e pelo derrubamento do fascismo. Se juntarmos a isto os baixos salários e outros processos de brutal exploração a que estão sujeitas as mulheres trabalhadoras e os inúmeros problemas que as afligem (falta de protecção na maternidade, falta de protecção aos seus filhos enquanto trabalham, falta de respeito por parte dos patrões e encarregados, a ausência de direitos políticos, etc., etc.), encontraremos inúmeros factores capazes de as mobilizar para as lutas diárias ao lado dos seus companheiros, como elas vítimas da exploração capitalista.

Se ao mesmo tempo olharmos para os exemplos de combatividade e firmeza dados pelas mulheres do nosso povo através das várias jornadas de luta, algumas delas espontâneas, contra as arbitrariedades do patronato e do fascismo, nós concluiremos que há enormes possibilidades de as atrair ao campo da luta organizada pelas suas reivindicações particulares e por melhores condições de vida.

A heroica e firme participação das valentes mulheres do nosso povo nas greves de Julho-Agosto, nas greves de 8 e 9 de Maio, na jornada da Vitória, nas jornadas eleitorais, a participação das heroicas camponesas nas greves dos camponeses alentejanos, as greves das operárias textéis da fábrica dos Ingleses, das operárias corticeiras do Lavradio, das conserveiras de Setúbal, das tecedeiras da Senhora da Hora, das operárias das Verandas, as greves das camponesas ribatejanas por melhores jornas, a participação das mulheres do nosso povo na luta pela Paz e contra a repressão, são exemplos reais da disposição e capacidade das mulheres para a luta.

No seu informe ao I.º Congresso Ilegal do Partido, o camarada Duarte salientava: «A mulher operária e camponesa deixou decididamente a vida de escrava dos tachos e da vassoura para se lançar à rua, à luta política e social, para participar na luta Nacional Anti-Fascista.»

Entretanto, apesar dos factos apontados, como salienta a IV.ª Reunião Ampliada do C.C., «continua a ser subestimado pelo Partido o trabalho de organização da mulher operária, camponesa e de outras camadas sociais, e da mobilização para as lutas reivindicativas, políticas, sindicais, culturais e pela Paz e pela Democracia.» A que se deve esta grave deficiência?

O nosso camarada Duarte, no Informe de Organização ao II.º Congresso, diz-nos: «A razão fundamental deste atraso reside, quanto a nós, na concepção ainda dominante entre os nossos camaradas de que as mulheres são seres inferiores ao homem. É duro dizer-se que esta concepção existe na cabeça de comunistas, nas fileiras do nosso Partido, mas assim é, camaradas. E isto não nos deve surpreender nem chocar em demasia. Pesa sobre o nosso povo uma tradição e uma educação tendentes a afastar a mulher da vida social e política e a condená-la aos tachos, aos filhos e à Igreja. Toda a vida na sociedade presente está organizada de forma a fazer da mulher uma escrava. Daí, apesar ainda essa tradição e essa educação nos nossos próprios camaradas, nas nossas próprias fileiras.»

A IV.ª Reunião Ampliada do C.C., analisando as deficiências e as causas que motivam a não mobilização das mulheres, salienta: «Torna-se imperioso lutar contra as concepções pequeno-burguesas de muitos dos nossos camaradas quanto à participação na luta das suas companheiras e filhas». (Resoluções).

Veiamos agora alguns exemplos que ilustram bem a justeza da análise feita pelo nosso Partido: Numa empresa onde a maioria dos operários são mulheres e onde as mulheres demonstram, através de acções de Paz e de outras acções políticas, a sua vontade de luta e o seu espírito combativo, existiam duas comissões — uma de Paz e outra reivindicativa. Em qualquer delas não estava nenhuma mulher. Diziam os camaradas que as mulheres não queriam... que tinham medo, etc. Porém, no decorrer duma luta reivindicativa, é uma mulher que se destaca e se oferece para acompanhar a comissão ao escritório!

Que nos revela este facto? Revela-nos, em primeiro lugar, que os nossos camaradas não tinham razão e que a atitude dessa mulher foi bem o exemplo da disposição e vontade de luta das restantes companheiras. Revela-nos, em segundo lugar, o isolamento dos nossos camaradas das suas companheiras de trabalho e que essas camaradas enfermam da subestimação que nos aponta o nosso Partido em relação ao papel da mulher na luta.

Numa outra empresa, onde também a maioria dos operários são mulheres, foi desencadeada uma luta reivindicativa por aumento de salários e por outros problemas de interesse dos operários. A opinião dum camarada dessa empresa era que as mulheres só pensavam em passeios, não levavam nada a sério, etc., não se podendo, portanto, contar com elas. Entretanto, as mulheres, quando tiveram conhecimento da reivindicação, deram-lhe o seu apoio, recolheram 200 assinaturas para uma exposição e elegeram duas colegas para a comissão de Unidade.

Que nos demonstra este exemplo? Demonstra que o nosso Partido tem razão quando diz que a deficiência no trabalho de mobilização das mulheres tem origem nas incompreensões dos nossos camaradas.

Ainda outro exemplo que mostra bem a concepção de superioridade que existe da parte dos nossos camaradas em relação às suas companheiras e filhas: Uma camarada manifestava o desejo de participar mais activamente na luta e queixava-se de que o seu companheiro a não deixava, dizendo que «aquilo não era para ela». Discutindo-se o caso com o camarada, ele dizia: «Não quero que ela se metta nessas coisas, porque ela é uma estúpida, uma málcrida e depois deixa-me mal!»

Estes exemplos chegam para demonstrar as verdadeiras razões do atraso no trabalho de organização e mobilização das mulheres para a luta.

Para bem compreender o papel da mulher e a importância da sua participação na luta, temos de olhar, em primeiro lugar, para as nossas casas, para as nossas companheiras, as nossas filhas, noivas e parentes. Sem o fazermos, não chegaremos a compreender justamente o papel das nossas companheiras de trabalho.

Devido à política de guerra e de exploração do

salazarismo, a luta agudiza-se. O aumento do custo de vida e o desemprego empurram as massas trabalhadoras para a luta, como o demonstram as lutas desencadeadas contra os despedimentos pelos operários da Infal, pelas operárias da CUF do Barreiro, pelos operários conserveiros do Algarve, as operárias dos discos em Lisboa, as operárias das Varandas, os operários da Hauser & Fernandes, etc., etc.

Cabe ao nosso Partido e às nossas organizações fazer um esforço sério para se despirem completamente do preconceito burguês da inferioridade da mulher. Que os nossos camaradas se comportem exemplarmente para com as suas companheiras de trabalho, tornando-se verdadeiros camaradas seus, conhecendo os seus problemas e ajudando-as a resolvê-los.

Impõe-se que os nossos camaradas, nas suas organizações e dentro da sua empresa, se esforcem por esclarecer e atrair à luta organizada as suas companheiras de trabalho.

A participação da mulher na luta tem um significado muito importante para a luta do proletariado e do nosso povo e coloca perante nós

importantes tarefas.

A luta pela Paz, contra as medidas de guerra do salazarismo, é um campo vasto para a mobilização e organização das mulheres. Impõe-se que os nossos camaradas, nas suas organizações e na sua empresa, discutam seriamente este problema, e discutam com as mulheres trabalhadoras o significado da política de guerra do salazarismo que se faz sentir sobre os ombros dos trabalhadores, e lhes mostrem as formas simples de se organizarem e lutarem em defesa da causa sagrada da Paz. Os nossos camaradas devem interessar e convidar as suas companheiras de trabalho a participarem nas comissões de Paz já existentes e a formarem-nas onde elas ainda não existem e a desenvolverem acções concretas de Paz.

Saibamos, pois, corrigir as nossas incompreensões sobre a participação da mulher na luta, organizando-a para a defesa dos seus interesses, na luta por salário igual para trabalho igual, intensificando a sua actividade na luta contra o desemprego, nas lutas reivindicativas, pelos direitos sindicais, contra a carestia e pela Paz.

A ACÇÃO DA PIDE É SEMPRE CRIMINOSA

por MELO

Cresce, cada vez mais, o número de comunistas e democratas que, quando presos, se negam intransigentemente a fazer quaisquer declarações, o que dificulta o desenvolvimento da acção repressiva da PIDE contra o Partido e outras organizações democráticas. Tais progressos são um resultado da acção política e educativa realizada pelo Partido, o que permitiu desenvolver nas massas um espírito de resistência e um ódio crescente ante todas as formas [repressivas] da PIDE. Por esta razão, a PIDE vê-se forçada a recorrer aos processos mais variados, de acordo com as características de cada preso e conforme os resultados que pensa obter em cada fase da prisão. Para isso recorre à brutalidade mais desenfreada e, quando esta não resulta, usa da mais cínica «delicadeza», acompanhada de habilidades e calúnias tendentes a enfraquecer o espírito de luta dos presos e nomeadamente a confiança no Partido e na sua Direcção.

Procurando abalar a intransigência dos presos, a PIDE esforça-se por fazer diminuir o carácter criminoso de toda a sua acção, preocupando-se até em fazer crer que não espanca, não tortura, não usa de processos criminosos, e isto apesar de dezenas de patriotas terem sido assassinados, nas suas prisões. Porém, embora alterando os processos, o objectivo é sempre o mesmo: abalar a firmeza e intransigência dum preso. O recente exemplo passado com dois camaradas funcionários confirma esta realidade.

Nos interrogatórios, esses dois camaradas negaram-se a fazer declarações sobre as suas actividades. Porém, decorrido mais dum ano de prisão, a PIDE conseguiu que esses camaradas assinassem um auto, no qual desmentiam o «Avante!» por ter noticiado, quando das suas prisões, que estavam a ser espancados. E isto, apesar dum dos camaradas ter sido esbofetado e ameaçado das mais diversas formas e ambos terem sofrido meses de incomunicabilidade, interrogatórios e coacções variadas.

Independentemente do facto dos espancamentos e torturas serem processos usuais da PIDE, a prisão, a incomunicabilidade, os interrogatórios nos autos da PIDE, cercados dos seus agentes, são já em si mesmo uma forma de tortura, quer física, quer moral. Esses dois nossos camaradas foram ludibriados pela PIDE e ao assinarem essa declaração, que se traduziu numa intransigência, negaram-se a si próprios. Mas esses camaradas não se limitaram a fazer uma declaração, desmentiram o órgão central do Partido, o que si-

gnifica que esqueceram, naquele momento, as suas responsabilidades perante o Partido e a classe operária. Além disso, contrariaram a orientação do Partido, brilhantemente defendida pelo camarada Alvaro Cunhal ao declarar no tribunal que um membro do Partido não tem quaisquer declarações a fazer à polícia política, instrumento de repressão violenta exercida contra os trabalhadores e contra os portugueses democratas, patriotas e partidários da Paz.

Por outro lado, esses dois nossos camaradas, ao assinarem essa declaração, ficaram embaraçados e comprometeram a sua autoridade moral para poderem desmascarar, ante o tribunal e as massas, os processos terroristas usados pela PIDE, conforme o julgamento o veio confirmar. Dessa forma, renunciaram a fazer a defesa do Partido, desprestigiaram-se a si próprios e prejudicaram os interesses da luta contra o fascismo. Um provocador, baseado nessa declaração que a PIDE lhe mostrou, tem não só caluniado o Partido como afirmou ser falso a polícia espancar os presos. Como justamente afirma o camarada Freitas, «Militante» n.º 73 — «a PIDE deve ser considerada sempre como uma organização de criminosos e considerada como criminosa toda a sua acção». A PIDE não teria conseguido arrastar os nossos camaradas à declaração que fizeram, se tivessem bem presente este realidade. Compreendendo-se o verdadeiro carácter do fascismo e dos esbirros da PIDE, facilmente se teria concluído que não podiam estar interessados no esclarecimento da verdade. Ao desmentirem o «Avante!», beneficiou-se exclusivamente o inimigo e auxiliou-se a acção criminosa da PIDE.

Este exemplo indica, mais uma vez, que sejam quais forem as circunstâncias, há que lutar permanentemente contra todos os processos e ardis da polícia. A firmeza e intransigência revolucionária ante o inimigo não deve ficar limitada ao período dos interrogatórios, ela deve ser extensiva ao tribunal e durante todo o período de prisão. Todas as incompreensões sobre os objectivos e o carácter da PIDE, e qualquer amolecimento na luta contra ela, só ao fascismo poderão beneficiar. A PIDE será impotente e verificará crescentes dificuldades, se o espírito de firmeza e intransigência, se o ódio à sua acção repressiva e criminosa se tornar uma norma acção e compreendida pelas vastas massas da população democrática.

AFASTADO DO PARTIDO

O camarada Salvador Amália, funcionário do Partido, após a sua prisão, tomou ante a polícia uma posição digna. Posteriormente, perante a polícia e ainda noutros aspectos, assumiu posições que contradizem e se opõem à orientação e aos interesses do Partido.

A Direcção do Partido procurará apurar mais completamente todos estes factos. Porém, desde já, e dadas as responsabilidades que Salvador Amália contraiu perante o Partido e a classe operária, o Secretariado do Comité Central resolveu afastá-lo do Partido, até resolução posterior.